



Entre a literatura e o livro didático: uma análise do ensino de literatura proposto pelo LDLP

Erica Poliana Nunes de Sousa Cunha¹

UFRN

Fernanda de Moura Ferreira²

UFRN

Resumo: O material didático mais utilizado pela escola como auxílio ao ensino de literatura é o livro didático de Língua Portuguesa que também tenta dar conta de questões de gramática e de texto. O livro torna-se uma ferramenta bastante viável por trazer textos da esfera literária, dando ao aluno a oportunidade de entrar em contato com obras que talvez ele não tivesse acesso fora do âmbito escolar. Atribui-se importância ao ensino de literatura devido a sua importância como elemento formador de cidadãos, inserindo-os em seu mundo cultural, considerando a comunicação e o conhecimento da língua de sua comunidade falante. Tal fato deve-se a documentos como os PCN que propuseram o ensino de literatura como construção do conhecimento cultural acerca do mundo, além de desenvolver competências, tais como leitura e crítica. Dessa forma, nosso objetivo é verificar o modo como se delineia a abordagem de textos literários em uma coleção de livros didáticos direcionada ao ensino médio de escolas públicas da capital do Rio Grande do Norte, a partir da análise dos capítulos dedicados ao estudo do texto literário. Para alcançarmos o objetivo traçado, embasamo-nos nas postulações teóricas de Bakhtin (2003), sobre linguagem, Márcia Abreu (2006) e Rildo Cosson (2006), acerca do ensino de literatura. Este trabalho de análise se insere na área da Linguística Aplicada, sendo uma das ações de um projeto de pesquisa, intitulado “Gêneros discursivos: produção, circulação, leitura e análise em sala de aula”, desenvolvido na UFRN sob a coordenação da Professora Doutora Maria da Penha Casado Alves.

Palavras-chave: Linguagem, ensino, literatura.

Abstract: The school's most utilized didactic material as literature teaching's assistance is the Portuguese language didactic book, which also tries to handle the questions about grammar and texts. The book becomes a very viable tool for bringing texts from the literary sphere, giving the students the opportunity to be in touch with compositions that he might not have access from outside of the school environment. The literature teaching is valorized because of its importance as a citizen maker element, inserting them at their cultural world, considering the communication and language knowledge of their speaking community. This fact happens because of documents such as PCN, which proposed the literature teaching as a construction of cultural knowledge about the society, and also as a skills developer, such as reading and criticizing. In this way, our objective is to verify the way that the literary texts' approach delineates itself in a collection of didactic books directed to the capital of Rio Grande do Norte's public high schools, from the analysis of chapters devoted to the study of literary text. To reach this objective, we are based on Bakhtin's (2003) theoretical postulations about language, and also on Márcia Abreu's (2006) and Rildo Cosson's (2006) conceptions about literature teaching. This analysis paper inserts itself at the Applied Linguistics area, being one of the actions of a research project, entitled “Discursive genres: production, circulation,

¹ ericapolianaan.s.c@hotmail.com

² fernanda_potiguar@hotmail.com



reading and analysis at the classroom”, developed at UFRN, under the coordination of Professor Doctor Maria da Penha Casado Alves.

Keywords: Language, teaching, literature.

1. Introdução

O Livro Didático é um dos grandes companheiros da educação brasileira, não portando se as instituições são públicas ou privadas. Todas as escolas têm a presença desse instrumento pedagógico que é muito bem vindo. Essa visão refrata-se no próprio investimento que os governos empregam na compra de um número exorbitante de livros a fim de abastecer todo o nosso país e pela expansão da distribuição do LD (livro didático) para o Ensino Médio, que anteriormente não recebia apoio como disponibilização de merenda e de livros didáticos. Números tão imensos quanto à compra e distribuição de livros em todo o Brasil leva a uma indústria poderosa que movimenta fortemente um mercado “livresco” e que gera muito dinheiro todos os anos. Porém, é preciso lembrar que o investimento que se faz em educação em relação a material não é apenas em LD, mas em coleções paradidáticas, clássicos da literatura brasileira e universal que enchem as bibliotecas de milhares de escolas.

Dessa forma, o LD por sua presença inegável em sala de aula e por sua influência dentro dela, vem a ser o instrumento pedagógico mais importante para muitos professores da rede pública ou privada, sendo ele, também, o grande organizador dos conteúdos ministrados nas aulas. Mediante tal situação não há como deixar de investigar o LD e estudar a maneira pela qual seu conteúdo é repassado ao aluno. Neste caso em particular, atentamos para o LD de língua portuguesa do ensino médio e para a maneira como é proposto o ensino e abordagem do texto literário.

Assim, A sala de aula, segundo orientações de documentos oficiais como Parâmetros Curriculares e as Leis de Diretrizes e Bases para o ensino, passa a ser o lugar de encontro com o texto literário. É pensando na prática dentro da sala de aula, especificamente, o livro didático como instrumento delineador do trabalho com o texto literário, que traçamos o nosso objetivo para este trabalho. Sendo assim, nosso objetivo é verificar o modo como se delineia a abordagem de textos literários no livro do 1º ano da coleção de Cereja & Magalhães (2010)



direcionada ao ensino médio de escolas públicas da capital do Rio Grande do Norte. Para alcançarmos o objetivo traçado, embasamo-nos nas postulações teóricas de Bakhtin (2003), sobre linguagem, Márcia Abreu (2006) e Rildo Cosson (2006), acerca do ensino de literatura. Tal perspectiva se coaduna com o que propõe Bakhtin (2003) sobre a metodologia própria das ciências humanas, que tem por objeto de estudo o texto.

A motivação para a realização desta pesquisa vem de uma investigação maior realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) pelo projeto de pesquisa “Gêneros discursivos: produção, circulação, leitura e análise em sala de aula”, sob a coordenação da professora Maria da Penha Casado Alves, que é englobado no grupo de pesquisa “Práticas Discursivas na Contemporaneidade”. Ao analisarmos coleções de Livros Didáticos de Língua Portuguesa (LDLP), percebemos que a coleção de Cereja e Magalhães (2010) apresenta uma metodologia de ensino da literatura diferente que nos instigou a investigação.

2. O texto literário na escola

O mundo se constitui de linguagem e esta é expressividade humana, o que faz da literatura uma forma de autoconhecimento e conhecimento do mundo. Mas, como compreender o que é literatura? A literatura é para ser ensinada? Diversas são as discussões que cercam a arte de palavra, como alguns defendem. Para tanto, abaixo trataremos de alguns dos conflitos existentes com essa temática.

O primeiro dos questionamentos acima nos leva a tentar compreender as teorias e conceitos que fazem de um texto ser literatura ou não. No livro “Cultura Letrada” de Márcia Abreu (2006), a autora traz quatro concepções. A primeira é que literatura seria uma criação do imaginário de um autor, mas isso não significa que todos os textos que são ficcionais serão literatura, além disso, esse conceito deixa de fora as obras não ficcionais. A segunda é que literatura possui um cuidado com a estética da linguagem, há todo um planejamento na construção de sentido, embora nem sempre essa leitura leve ao deleite e ampliação do modo de pensar e de ver o mundo de seus leitores. A terceira é que literatura seria a arte que se expressa por meio da escrita, o que não é verdades, já que muitos contos literários foram



criados e conhecidos por meio da oralidade. Já a quarta diz que literatura é a linguagem carregada de significados até o máximo grau possível. Ao final das discussões, Abreu (2006) deixa claro que a literatura é um fenômeno cultural e histórico, por isso recebe definições de acordo com a época e grupos sociais.

O outro questionamento nos leva ao âmbito escolar. No atual contexto, temos visto uma fuga tanto dos livros didáticos, bem como dos professores na utilização de textos literários, usando como justificativa a inacessibilidade do aluno a perceber e compreender textos literários, julgando-os denso e fora da realidade de percepção que os discentes podem alcançar. Quanto a isso, alguns estudiosos em letramento literário dizem que o ensino da literatura na escola não é possível, visto que a prática de hoje resume-se a uma análise literária classificatória, deturpando a magia e a beleza da obra. Enquanto outros como Casson (2006), em seu livro “Letramento literário: teoria e prática”, defende um ensino de literatura, que obviamente foge a atual prática, tomando a atividade de aprendizado como forma dos estudantes aprenderem a reconhecer e valorizar uma obra literária, como pode ser visto nas próprias palavras dele:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos oferece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. (COSSON, 2006, p. 30)

Ainda nas palavras do autor acima, o trabalho com o texto literário pressupõe um discurso que deve ser debatido e colocado para um posicionamento crítico. Ou seja, o letramento literário tem como objetivo construir uma comunidade leitora em um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente. Somente dessa forma se efetivará um ensino de literatura que amplia e consolida o repertório cultural do aluno.



3. Análise do *Corpus*

Os capítulos analisados compõem o livro didático do primeiro ano, sendo eles divididos em capítulos de língua, literatura, produção textual e interpretação. Todos os capítulos do livro citado foram analisados com fins de observar a maneira pela qual os autores abordam o texto literário e o ensino que se propõe a fazer da literatura. Assim, analisamos tanto o conteúdo repassado quanto as diversas maneiras de exercício e análise textual. Também analisamos o manual do professor- material disponibilizado pelos autores do livro para situar teoricamente o professor-, para visualização da teoria utilizada para a prática do livro e a proposta que teoricamente os autores trazem para o ensino da literatura. Ao ler, percebemos que os autores apresentam a obra e explicam suas divisões. Assumem-se fundamentados por Bakhtin, Cândido e Jauss. Preceitos de *literatura e sociedade*, de Cândido, e o *dialogismo* de Bakhtin e relações de *diacronia* e *sincronia* de Hans Robert Jauss. Trabalha também o texto literário como histórico e se propõe a trabalhar não sob uma perspectiva classificatória e engessada, como ele mesmo critica, mas de maneira dialogada, histórica e cultural, apoiados nos pressupostos de Mikhail Bakhtin. Manual do professor (2010):

Partindo do princípio de que o ensino de literatura há mais de um século vem sendo feito de modo “engessado”, isto é, por meio de práticas de ensino cristalizadas, que privilegiando o aspecto cronológico da história literária em detrimento da leitura direta de textos literários em textos literários, a proposta de estudo de literatura desta obra prioriza o desenvolvimento das capacidades leitoras do aluno, ao mesmo em que amplia seus horizontes quanto à literatura e a cultura universais. (p. 6)

Além dos autores supracitados, traz um nome conceituado na área de análise literária, Bosi. O LD se propõe uma prática com foco em leitura de textos literários e promoção de estudos comparativos entre textos da literatura com outras linguagens.

Junto a isso ainda no manual há uma rápida explanação da teoria utilizada no livro, sendo ela um suporte para que o professor que não tem conhecimento da teoria adotada possa trabalhar minimamente com o livro. Observamos que, diferentemente de outras coleções, esta se preocupa em apresentar a teoria para o professor, mesmo que não seja



aprofundada. Como pode ser visto quando se expõe para o professor a questão da *historiografia literária*:

Em ensaio sobre a historiografia literária, o professor Alfredo Bosi conclui: “histórico é, ao contrário do que diz a convenção, o que ficou, não o que morreu”. Esse ponto de vista de Bosi pode orientar os critérios de corte “a história da literatura” com vistas a uma abordagem sincrônica da literatura, isto é, com vistas ao diálogo vivo que as obras literárias de diferentes épocas mantêm entre si. A partir dessa perspectiva, afirma Jauss:

“[...] a tradição da arte pressupõe uma relação dialógica do presente com o passado, relação esta em decorrência da qual a obra do passado somente nos pode responder e ‘dizer alguma coisa’ se aquele que hoje a contempla houver colocado a pergunta que a trás de volta de seu isolamento”. (p. 6).

Passemos neste momento aos capítulos destinados aos alunos. Antes, porém, gostaríamos de fazer um breve comentário acerca dos autores da obra. Tanto Cereja como Magalhães possuem uma formação com base nos estudos literários, o que, possivelmente, explica o diferencial na elaboração dos capítulos de literatura. Diferencial em relação a outras abordagens de ensino da literatura realizadas por outras coleções, apresentando uma visão bem diferente da que estamos acostumados. Os outros capítulos que não possuem por foco a literatura seguem uma didática comum a outras coleções, como é o caso do ensino de gramática, usando o texto apenas como objeto exemplificador e identificador de diversos conteúdos. Já nos capítulos de produção textual, segue-se uma perspectiva apoiada no estudo do gênero, sob uma visão bakhtiniana, atentando para questões como objetivo, público-alvo, entre outros, resultado do modismo do atual ensino de língua. Porém, o que realmente chama a atenção é o trabalho feito com a literatura por ser algo inusitado no ensino médio.

Vejamos, então, como se dá o trabalho nos capítulos voltados para o ensino médio. Logo no início do livro há apresentação de “O que é literatura” sob duas perspectivas: prazer e arte, trazendo concepções de escritores renomados, como Heloísa Seixas, escritora, e Marcelo Tas, apresentador de TV.



A literatura é uma espécie de supermicroscópio da alma humana

Em sempre li como diversão, como uma busca espiritual, nunca por obrigação. Acho que ninguém deve fazer isso, nem obrigar seus filhos ou alunos a tal castigo. [...] os livros são parte da minha evolução, da minha formação artística e humanística. O livro que a gente está lendo reflete exatamente o que somos naquele momento, o que estamos cutucando dentro do infinito universo do pensamento. Portanto, é bom sempre afiar a pontaria [...]

A literatura é uma espécie de supermicroscópio da minha alma, a maior lente de aumento já inventada pelo homem. Num livro, a gente pode descer até a menor partícula do pensamento ou sentimento já experimentada por alguém. Esse é o fascínio da leitura. Não é pouca coisa não. É como um telescópio Hubble apontado para dentro da gente.

Literatura e emoção

É engraçado. Gosto cada vez mais de ler. Não imaginei que pudesse ser algo progressivo, mas é. Depois que comecei a escrever, o gosto foi crescendo, crescendo. Hoje leio 30, 40 talvez 50 livros por ano (agora tenho mania de anotar os livros que leio). Leio dois ou três ao mesmo tempo, desde alta literatura até as mais deliciosas porcarias, para as quais os críticos esnobes viram o nariz. E o que todos esses livros me propiciam de melhor? Essa capacidade fantástica de apagar o mundo a nossa volta.

Prazer de ler? É estar dirigindo, a caminho de casa, e dar um suspiro, quase sem sentir, pensando: “oba, eu vou ler meu livro!”. Prazer é fazer economia, ler poucas páginas de cada vez, temendo que o livro acabe. Prazer é esquecer que o universo existe na hora da leitura. Isso pode acontecer com a mais alta literatura ou com um livro de aventura.

Os autores buscam fazer uma explanação acerca daquilo que diversos nomes versam sobre leitura e literatura, enfatizando e enaltecendo o valor dessas atividades. Fora isso, o capítulo 1 apresenta uma seção de explanação teórica para expor as diversas concepções que cercam a arte da palavra:

A literatura é uma das formas de expressão artística do ser humano, juntamente com a música, a pintura, a dança, a cultura, o teatro, etc. Assim como o material da escultura são as formas e os volumes e o da pintura são as formas e as cores, o material básico da literatura é a palavra. Literatura é a arte da palavra.



Embora se defina desta maneira a literatura, esta noção não possui unanimidade e o livro deixa isto de maneira clara, ao trazer dois textos: um literário e outro não literário para uma comparação, a fim de fazer o aluno formar critérios de diferenciação entre o literário e o não. Após isso, aborda a questão das funções da literatura com subtópicos intitulados: “as funções hedonística e catártica da literatura”; “literatura: comunicação, interlocução, recriação”; “literatura como humanização do homem”; e “literatura: o encontro do individual com o social”. Nestas partes, há a referência direta a autores consagrados dentro de suas perspectivas, como Mikhail Bakhtin, Chklovski e Guimarães Rosa. Dentro ainda do capítulo de conceituação da literatura, existe a exposição de trechos de textos teóricos como de Antônio Cândido (A literatura e a formação do homem) e de Ely Vietez Lanes (Laboratório de literatura) para trabalhar em um exercício que visa discutir a teoria exposta.

De acordo com Antônio Cândido (texto 1), a literatura satisfaz uma necessidade essencial do ser humano.

- a. Qual é essa necessidade?
- b. Qual é o perfil das pessoas que têm essa necessidade? São crianças ou adultos? São pessoas com ou sem escolaridade?

No trecho, constatamos a presença de informações destinadas aos alunos que antes se restringia à formação do professor de língua portuguesa, sendo inusitado encontrar essa espécie de texto para ser interpretado em um livro didático.

Vejamos o tratamento dado aos textos literários nos capítulos de literatura. Estes capítulos possuem duas formas de abordagem da literatura: uma com a exposição das escolas literárias e a outra denominada “diálogos”. Nos capítulos sobre escolas literárias há uma espécie de “investigação textual”, ao mesmo tempo que se põe ao aluno os textos característicos para que ele reconheça as peculiaridades do estilo de cada época, como podemos ver no exercício abaixo transcrito.



Os poemas a seguir são de autoria de Gregório de Matos, o principal poeta barroco brasileiro. Leia-os e responda às questões propostas.

- 3 Os dois poemas apresentam aspectos em comum, como, por exemplo, o tipo de composição, as imagens e o tema. Compare-os e responda:
 - a) Que tipo de composição poética foi empregada nos dois textos?
 - b) Os dois poemas são ricos em imagens. Uma das imagens do texto I é criada pela metáfora da nau (embarcação). Destaque do texto II um verso que corresponda a essa imagem.
- 4 A linguagem barroca geralmente busca expressar estados de conflito espiritual. Por isso faz uso de inversões, antíteses e paradoxos, entre outros recursos. Identifique nos textos:
 - a) exemplos de inversão quanto à estrutura sintática.
 - b) Exemplos de antíteses ou paradoxos.

Outras citações são feitas ao longo da obra, mostrando ao aluno uma gama de possibilidade de se pensar a literatura, explicitando mais de um ponto de vista e fazendo um caminho oposto ao que a maioria dos materiais faz ao homogeneizar e dar acabamento aos conceitos, unilateralizando o conhecimento. Faz-se necessário fazer um panorama acerca do modo como se trabalha a literatura no LD em questão para que se possa chegar à abordagem do texto literário.

Além dessa “investigação textual”, como falamos anteriormente, a obra tenta dar conta do contexto histórico com informações extras que aparecem nos textos que iniciam os capítulos, em boxes informativos e outros, procurando, por vezes, uma espécie de “pedagogia da imersão” ao incentivar o aluno à pesquisa, a sarais, a apresentações teatrais, etc. Várias propostas são feitas ao aluno tanto nos capítulos quanto nos inícios das unidades de estudo, tendo em vista que o livro se divide em quatro unidades: “unidade 1: linguagem e literatura”, “unidade 2: as origens da literatura brasileira”, “unidade 3: barroco: a arte da indisciplina”, “unidade 4: história social do arcadismo”; tendo a primeira unidade sete capítulos, a segunda nove, a terceira onze e a quarta nove capítulos. Ao término de cada unidade, há uma sessão chamada “intervalo”, na qual projetos são propostos:



Projeto:

Literatura em cena

1. leitura, livros e literatura

Na introdução deste volume você leu alguns depoimentos de escritores e profissionais de várias áreas sobre esse assunto. Leia outros depoimentos no painel a seguir. Depois, considerando sua experiência, escreva um pequeno texto, dando seu depoimento sobre leitura, livros e/ou literatura. Quando terminar, releia-o e passe-o a limpo. Junte-o aos de seus colegas e afixe-o no mural da classe ou da escola sob o título sugerido acima, ou outro que quiserem, de acordo com as instruções de seu professor. No dia combinado para a mostra, coloquem uma mesinha ou carteira ao lado do mural, deixem lápis e papel à disposição dos convidados e convidem-nos a escrever sobre a experiência deles com os livros, leitura e literatura ou façam sugestões de livros, tecendo um pequeno comentário sobre eles. Peçam-lhe que afixem também no mural seus depoimentos. Depois, se sua escola dispuser de um *site* na internet, coloquem alguns desses depoimentos na página de abertura ou em outro local, fazendo a devida chamada.

Após este fragmento, temos sete depoimentos diversos de personalidades como Harold Bloom e mais algumas indicações do que pode ser feito, como a inserção de figuras, colagem, entre outros.

Busca, então, não apresentar a literatura como um texto isolado sem motivações para existir, mas como um fruto humano ao contextualizar as escolas literárias sob uma perspectiva histórico-cultural. Aqui, a obra sugere filmes, livros, músicas e sites para o aluno ampliar seus conhecimentos. Quando se inicia a segunda unidade (origens da literatura brasileira) situa-se rapidamente o momento sócio-histórico desse período, apresentando um poema de Fernando Pessoa com a temática das navegações e uma gama de sugestões de filmes, como Indiana Jones e a última cruzada (Steven Spielberg), de livros, como Dom Quixote De La Mancha (Cervantes), de músicas, como Amor Platônico (Legião Urbana), e de sites, como o do Instituto Camões.

Outro aspecto interessante deste livro são os capítulos intitulados “diálogos”. Estes têm por função mostrar a relação entre textos literários de uma determinada época com outra, mostrando ao aluno que a demarcação temporal feita é para fins didáticos, os estilos de cada época não são rígidos e que os traços característicos de textos de uma determinada escola podem aparecer em outros que não estejam temporalmente enquadrados na época da escola. No capítulo oito da segunda unidade, vemos esta espécie de capítulo iniciado com a famosa pintura de Botticelli “O nascimento de Vênus” e logo abaixo este fragmento:



Apesar de estar cerca de quinhentos anos distante dos dias atuais, o Quinhentismo continua sendo uma referência cultural importantíssima para a literatura em língua portuguesa. Camões, considerado um os maiores poetas de nossa língua, exerceu forte influência sobre diferentes gerações de escritores, seja em Portugal, seja no Brasil, seja nos países africanos de língua portuguesa. A literatura de informação e catequética produzida no Brasil no início da colonização, por sua vez, tornou-se um celeiro inesgotável de inspiração literária para escritores de diferentes épocas.

Apesar de apresentar informações de quinhentos anos distante dos dias atuais, o Quinhentismo continua sendo uma referência cultural importantíssima para a literatura em língua portuguesa. Camões, considerado um os maiores poetas de nossa língua, exerceu forte influência sobre diferentes gerações de escritores, seja em Portugal, seja no Brasil, seja nos países africanos de língua portuguesa. A literatura de informação e catequética produzida no Brasil no início da colonização, por sua vez, tornou-se um celeiro inesgotável de inspiração literária para escritores de diferentes épocas.

No mesmo capítulo, traz Monte Castelo, Renato Russo, e uma passagem bíblica que trata da excelência da caridade. Ambos dialogam com o mais famoso soneto de Camões e em seguida um exercício para que o aluno os relacione. Além dos diálogos entre textos de diferentes épocas, promove-se também o diálogo entre linguagens, pois, como é visível no fragmento transcrito acima, relaciona-se a literatura com a pintura em vários momentos, no início dos capítulos, nos exercícios propostos, nos projetos, outros. Há ainda diálogo entre o teatro, a escultura, a música, o cinema e a literatura, enriquecendo o conteúdo do livro, trabalhando a leitura da imagem e a apreciação auditiva. Alarga-se, desta forma, a noção de linguagem.

Após uma explanação sobre a proposta de ensino da literatura feita pelo livro, passemos à observação do tratamento que se dá ao texto literário no decorrer do LD. Em linhas gerais, durante a análise verificamos que há uma quantidade razoável de textos literários em quase todos os capítulos e em todas as unidades em que se divide o livro. Independentemente do interesse do capítulo – ensino de gramática, literatura, interpretação ou produção textual –, o texto literário se apresenta para os mais diversos fins. No capítulo três da primeira unidade intitulado “linguagem, comunicação e interação”, por exemplo,



trabalha-se variedades linguísticas, explicando as diferenças de dialetos e registros existentes e para ilustrar que a variação territorial, como o livro mesmo chama, há a presença de um poema chamado “Poema”, retirado da Revista do Centro de Estudos Portugueses:

Há dois tipos básicos de variação linguística: os dialetos e os registros. Os dialetos são variedades originadas das diferenças de região ou território, de idade, de sexo, de classes ou grupos sociais e da própria evolução histórica da língua. Nos poemas medievais, que você vai começar a estudar na unidade 2, temos exemplos de variação histórica. Já no texto que segue, escrito pelo poeta Xanana Gusmão, do Timor Leste (Oceania), temos um exemplo de variação territorial, já que o poema, apesar de ter sido escrito em língua portuguesa, apresenta também vocábulos do tétum, língua nativa.

(poema)

Tratando da chegada do colonizador ao Timor Leste e do choque de culturas advindo da colonização, o poeta cria o poema com uma variação de língua portuguesa que só é possível e faz sentido em seu país.

Logo após o fragmento supracitado, explica-se o que é a variação de registro. O capítulo seguinte é de produção textual e trata do gênero poema. Como geralmente o livro nesse tipo de capítulo traz um exemplar do texto e após um exercício de caracterização do gênero, com o poema não foi diferente. Nesta seção, o texto poético aparece como ilustração do gênero e de suas características – métrica, conceito, figuras de linguagem, tipos de poemas, entre outros -, contabilizando aproximadamente 20 poemas na íntegra e em trechos, para o estudo do ritmo, do verso, etc. Há uma gama de informações neste capítulo e isso faz com que ele se torne denso tanto pela quantidade de poemas que aparecem para ilustração e comprovação, quanto pela quantidade de informações sobre o gênero.

Também em capítulo de produção textual aparecem a fábula e o apólogo. Além de caracterizar os gêneros, traz um poema de Ferreira Gullar completo para que o aluno observe como ocorre a metáfora, aproveitando que em um capítulo anterior já havia trabalhado as figuras de linguagem e a descrição. No capítulo de figuras de linguagem, muitos textos literários são usados como ilustração, contudo trabalham com questões literárias, como a linguagem e interpretação. Vejamos como se dá o trabalho feito com o poema em um exercício nesse capítulo:



1. O eu lírico diz ser uma “menina bela, na janela”:

- a) Quanto tempo a menina fica à janela?
- b) Na sua opinião, o que o olhar do eu lírico procura?

2. Se dizemos “A lua é branca” ou “A gata é mansa”, estamos utilizando uma linguagem normal, em que as palavras são empregadas em seu sentido cotidiano. Contudo, se dizemos “A lua é uma gata branca, manda”, estamos utilizando uma linguagem nova, poética, em que as palavras compõem imagens e ganham sentidos novos.

Nos capítulos não voltados para a literatura, o gênero da esfera literária é trazido, muitas vezes como ilustração de algo, porém, mesmo nesses momentos, busca-se algum tipo de interpretação mesmo que superficial. Mas também se usa o texto literário como instrumento de ensino da norma, como vemos a seguir com um exercício com fragmento de “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa:

Releia este trecho (p. 124)

a) qual das ideias abaixo expressa o sentido da palavra *então* no contexto?

- Adição
- Oposição
- Conclusão
- Consequência

Apenas dez dos trinta e seis capítulos não apresentam texto literário e eles dizem respeito a temáticas que não têm por objetivo o estudo da literatura. No entanto, o momento em que os gêneros literários são efetivamente trabalhados são nos capítulos de literatura, trabalhando aspectos sociais, linguagem, características, enfim, uma análise literária do texto. No capítulo “O barroco na Brasil”, o texto poético aparece com diversas funções: comparativa, caracterização da temática do período, ilustrativa da poética de Gregório de Matos – apresentado como maior representante da literatura brasileira -, e como sugestão de leitura para os que quiserem se aprofundar no assunto.



Ao investigar o tratamento dado a tal texto, vemos que ele é efetivamente trabalhado em muitos momentos: serve de instrumento para o ensino de gênero discursivo, em outros, também aparece como uma maneira de ilustração tanto de uma escola literária quanto de um autor e como sugestão de leitura, acompanhado de um roteiro. Tal tratamento varia de acordo com o interesse do capítulo ou unidade no qual está inserido.

4. Considerações Finais

Com a negação de categorizar o texto literário, o livro do 1º ano dos autores Cereja & Magalhães (2010) constroem uma didática que tenta fugir dessa classificação e do método descritivo, no qual o ensino de literatura foi cristalizado. No entanto, algumas vezes cai em contradição, visto que seus exercícios nos capítulos de literatura, após o tópico de leitura, trabalham o contexto histórico fazendo menção às características que tornam um texto pertencente à determinada escola, além de trabalhar o texto literário, especificamente o poema, como objeto exemplificador de aspectos linguísticos. Fora isso, o livro traz uma abordagem diferenciada, pois além de trabalhar o texto literário nos capítulos destinados ao estudo da literatura, traz também em outros momentos, como nos capítulos de produção de texto, de língua e de interpretação de texto, o enfoque de aspectos estilísticos e estéticos da linguagem literária. O livro também acerta ao criar diálogos entre as diversas linguagens e literaturas e ao trazer diversos tópicos que incentivam a leitura além do ambiente escolar.

É desta maneira que o letramento literário se efetivará no âmbito escolar brasileiro. A fuga do tradicional, embasada nos estudos literários de uma perspectiva sócio-histórica, trará para a prática docente uma quebra do discurso comum dos alunos - “literatura é chata e eu não entendo nada” - para uma prática de reconhecimento e compreensão do mundo, em que os alunos passarão a reconhecer as diferentes sociedades em distintos tempo-espço e a valorizar também a linguagem literária como “arte”.



Referências

ABREU, M. **Cultura Letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BOHN, H. I. As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em linguística no Brasil. In: FREIRE, M. M.; ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. (orgs.). **Linguística Aplicada e contemporaneidade**. São Paulo: Pontes, 2005.

CÂNDIDO, A. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. 7. ed. São Paulo: Globo, 1999.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português**: linguagens. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.